

**A Morte de James Lee Byars:
Autorretrato para (Des)Aparição de Si
*The Death of James Lee Byars:
Portrait to (Dis)Apparition of the Self.***

Adverse, Angélica Oliveira; Doutora em Artes Visuais; UEMG,
adverseangelica@gmail.com¹

Resumo: O artigo problematiza a noção da estética da desapareição na performance *A Morte de James Lee Byars* (1994). Partiremos da fabulação da morte do artista James Lee Byars (1933-1997) para compreender a sua tentativa de figurar a perfeição dos gestos e das formas. Pretendemos examinar a busca do artista pela essência da *ausência-presença*: um corpo por *aparecer* ou como um corpo por *desaparecer*.

Palavras chave: Performance, Aparição-Desaparição, Veste-Ritual.

Abstract: This article problematizes the notion of the aesthetics of the disappearance coming from the performance *The Death of James Lee Byars* (1994). We will begin with the attempt of the figuration of the death of the artist James Lee Byars (1933-1997) to understand his attempt to achieve the perfection of gestures and forms. We want to examine the artist's search for the essence of the *absence-presence*: a body that *appears* and a body that *disappears*.

Keywords: Performance, Apparition-Disappearance, Ritual-Clothe.

Introdução

Dias e Noites vagueiam pela eternidade. Assim são os anos que vêm e vão como viajantes que lançam os barcos através dos mares ou cavalgam pela terra. Muitos foram os ancestrais que sucumbiram pela estrada. Também tenho sido tentado há muito pela nuvem ventania, tomado por um grande desejo de sempre partir. (BASHO; 1997, p.16)

Todo artista cria para si mesmo um autorretrato. Retratos que revelam, às vezes, uma consciente tentativa de expansão do eu. A atração pela imagem de si ressalta um traço mórbido desse processo de cisão do eu ao outro. A percepção de si como imagem cria uma espécie de tensão a partir da qual se configura um tipo de desdobramento do corpo material em imaterial. A experiência estética desse duplo está associada à construção do imaginário a partir do qual o sujeito desaparece para ceder lugar à imagem. Tal como o encantamento de Narciso pela própria face, pois

¹ Doutora em Artes Visuais pela EBA/UFMG, com estágio doutoral pela Université Paris I Sorbonne (2014/2015). Mestre em Artes Visuais pela EBA/UFMG (2011). Especialista em Filosofia FAFICH/UFMG(2001). É Docente-pesquisadora da Escola de Design/UEMG onde leciona no curso de Arte Visual e Design desde 1997.

essa atração nos fornece as pistas para compreender o nascimento da imagem sob signo da morte. O artista James Lee Byars compreendeu esse processo de desaparecimento de um corpo para a aparição de uma imagem por meio da experiência temporal, porque a percepção da imagem estaria intimamente relacionada com a memória.

As performances idealizadas por Byars, buscavam suscitar a vivência do instante como um dispositivo que permitia ao espectador reconstruir mnemonicamente as cenas visualizadas. O instante e a duração punham o acontecimento das cenas, aludindo ao princípio da desaparecimento para a aparição. Ao longo de sua trajetória artística, James Lee Byars colocou em questão a noção do trânsito entre a vida e a morte, conformando o gesto da desaparecimento do artista à criação da imagem da fugacidade. A performance O Teatro Perfeito (1975) ilustra a condição transitória da existência humana. Nessa ação, os espectadores são convidados a se reunirem em um jardim para, em seguida, ouvirem uma voz sussurrante dizer: o teatro mais perfeito é o olhar. Simultaneamente, James Lee Byars aparece brevemente na linha do horizonte trajado em costume vermelho e desaparece na sequência do ato.

As ações são um convite para a experiência do limite da existência humana, experiência que de certo modo é baseada nos conceitos da filosofia Zen-Budista. Nessa acepção, a morte é entendida como um estado mental de eterna perfeição e autotranscendência. Tal princípio orientou as suas linhas de trabalho e as diversas práticas cotidianas que norteavam suas criações, sobretudo as ações que regiam a estetização de sua existência.

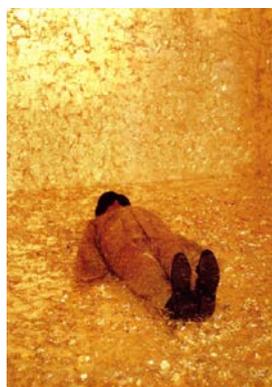
James Lee Byars vai ao encontro da tradição mística dos símbolos para compor uma enigmática iconografia autobiográfica. Nascido em Detroit em 1933, viveu de maneira nômade habitando na Ásia, na Europa e na África, falecendo no Cairo em maio de 1997. A sua viagem ao Egito estava associada ao projeto de obra-vida mais simbólico: desenvolver uma esfera de vidro perfeita na proporção exata do coração humano. As esferas desenvolvidas por Byars remetem à perfeição dos ciclos, estando, em geral, associadas a seitas ofídicas e ao culto dos deuses solares.

Das tradições órficas Byars extrai a compreensão de uma cosmogonia total, utilizando o círculo e as esferas para apresentar uma forma de transcendência do mundo terreno para um plano metafísico de existência. Daí, surge a sua tentativa de criar a esfera mais perfeita com o intuito de revelar um conhecimento privilegiado e pleno. Desse conhecimento é revelado o dom da vidência, sendo que ele é responsável em dar visibilidade à sutileza dos corpos sensíveis.

A performance intitulada “The Death of James Lee Byars”, desenvolvida de forma processual entre os anos oitenta e noventa, tenta incessantemente transformar o sentimento do sujeito diante de sua própria morte. Nesse trabalho, ele introduz inúmeras questões acerca da efemeridade da experiência estética, negando a perenidade tanto da obra quanto do artista. Para tanto, James Lee Byars articulou os gestos taoístas, rituais shintoístas e zen budistas de maneira a enfatizar o instante da sua partida. Dessa maneira, assumia a atitude mística ao declarar: “eu sou um místico” (1995; p.47).

A performance se constrói partindo dos seguintes princípios conceituais: a articulação entre corpo-matéria, gesto-espço e instante-duração. James Lee Byars chama atenção para o estado de corpo-mente, tentando figurá-lo pelo rigor e pela sutileza da ação. A poética da performance pressupõe o uso do silêncio e do gesto lento como uma estratégia para que o espaço da imagem problematize a experiência do absoluto. Byars cria a imagética da cena através de uma linguagem corporal que evidencia artisticamente o instante da morte. Assim, ele determina a si mesmo: “deite-se calmamente e levante-se silenciosamente”. O artista caminha lentamente trajando um costume em *bouclé* dourado e deita-se no centro de um quarto revestido com folhas de ouro. Em seguida, sua esposa faz uma marcação em cinco pontos de seu corpo com diamantes sintéticos, em referência à quadratura do círculo de Leonardo da Vinci. Suas ações intentavam atualizar nas performances a experiência de um momento temporal perfeito do homem: a sua finitude.

Figura 1- A Morte de James Lee Byars, James Lee Byars, 1982/1994.



In: <http://michaelwerner.com/artist/james-lee-byars/>, 2017

O fulgor do ato deveria desencadear um ponto de contato com a experiência ritual de se observar a imagem. Para James Lee Byars, a performance ritual deveria transfigurar a experiência do acontecimento no qual a imagem se apresenta à contemplação do observador. Isso explica a acuidade do trabalho de construção da

sua aparição, característica que o fez aproximar da estética da existência dândi. A supressão das afecções vulgares diante da morte ordena a sua busca pela elegância. Como um sábio diante da morte, ele se veste com o intento de desaparecer. A morte do si é figurada pela alegoria do sol: James Lee Byars alegoriza sutilmente a sua imagem vestindo um costume em *bouclé* dourado.

Apresentar a desaparecimento de si é, de certa forma, a tentativa de tornar visível a experiência de invisibilidade da morte. A relação que o artista estabelece antecipadamente com a morte pode sugerir a virtude imaginativa por meio da qual sua coragem é figurada para o espectador. Além disso, sugere uma relação de liberdade que fundamenta uma nova experiência temporal.

Trata-se de olhar algo que, acabando de surgir, já desapareceu. As aparições que o artista manipula, e cujo justo momento (*Kairos*) é tão calculado, permitem precisamente isso: um simples olhar basta para perceber o que aparece/desaparece, e essa percepção que erotiza o olhar e questiona o julgamento basta para desencadear a surpresa (...) além da sua qualidade de surpreender o tempo, de concentrá-lo, de alongá-lo, de anulá-lo ou de encurtá-lo uma performance de Byars introduz igualmente à experiência de uma aniquilação, de uma perda e de um luto. (RIBETTES, 1995, p.15)

O tema da percepção da ausência e a apresentação do vazio dão-nos uma mostra de como a percepção é a atitude primeira para as performances de James Lee Byars. O cultivo dos modos de percepção orientais tem como objetivo explicitar os fenômenos mais sutis. A partir dessa experiência, se configuram as reflexões filosóficas sobre a unidade estabelecida entre o efêmero e o imutável que fundamentam a essência das suas obras. A questão do desaparecimento do artista torna-se a ação para que as modificações existenciais da obra se refaçam continuamente.

I. (Des)Aparição: Performance & Insubstantialidade

Ao romper com os cânones de representação para presentificar a experiência da desaparecimento do artista, James Lee Byars retoma as técnicas de si das práticas contemplativas orientais. Segundo Cassiano Quilici (2015, p.191), tais métodos de performance são espaços privilegiados para a reinvenção do sujeito.

O desenvolvimento ético aparece como um elemento fundamental, já que se trata de levar ao cotidiano uma atitude atenta (...) a ética não se reduz, assim, a um código moral (...) mas um exercício de atenção no cotidiano, que envolve uma percepção mais refinada da fala, da ação, da intenção envolvida nas atividades (...) O desenvolvimento e codificação das práticas meditativas nas tradições são de alta complexidade. Há um minucioso mapeamento dos diversos estágios de concentração e da plena atenção (...) Estamos assim diante de um

conhecimento que se aproxima mais da perícia de um artífice do que da especulação abstrata e desencarnada. (QUILICI; 2015, p. 191-2)

Para Byars, a construção dos gestos refletiam a condição absoluta da solidão do artista no ato da criação. Por isso, suas ações não eram compreendidas como uma referência ao *vanitas* ou às imagens do *memento mori*. Ao contrário, assim como os sábios orientais, Byars buscava experimentar a perfeição como uma forma de ação transgressora a partir da qual poderia transfigurar o si. Para além de um processo de subjetivação, James Lee Byars compreendia as suas performances como reflexões filosóficas. Recriar a si mesmo e modificar a percepção de sua imagem era uma espécie de epifania do instante por meio do qual ele aproximava arte e vida. Como uma maneira de transfigurar simbolicamente o momento real e através disso se inserir na sacralidade do vazio. O trabalho de James Lee Byars era uma aventura espiritual, como uma transfiguração suprema para “nadificar” o eu. Por isso, ele compreendia as performances como uma atitude de perfeição por meio do qual ritualizava a sua ausência, fazendo emergir a verdadeira imagem de si mesmo. Isto é, a imagem da sua desapareção que “desdramatiza” a morte.

A figuração mais perfeita da sua imagem é encontrada na apresentação de sua ausência. O encontro inesperado com a morte é, para o artista, um tipo de acolhimento do fluxo temporal. Performar a morte para estabelecer com ela uma inteira relação de liberdade foi, certamente, o fulcro de seu trabalho. A morte é compreendida por Byars como uma experiência profunda de cultivo e transformação. A (des)aparição do artista evocada em suas performances manifesta um desejo maior e mais radical: fazer florescer o conhecimento transformador, capaz de apaziguar o medo da morte ou da impermanência das coisas.

James Lee Byars intenta apresentar como as tradições contemplativas são importantes para aproximar a vida da arte. As suas ações performativas visavam modificar delicadamente a nossa experiência de vida diante da morte. Os questionamentos sobre a travessia atenta da vida para a morte eram formulados com extremo cuidado para que se ritualizasse o vazio como parte de um processo de emancipação e desapego espiritual. Pois o poder de morrer através da imagem significa que a obra de arte é, em si mesma, uma experiência da morte. Pela performance, o artista afrontava a passagem do tempo e inscrevia sua biografia numa trama existencial ao abrigo da morte.

Para deixar esse ponto mais claro, valeria a pena retomar a performance “The Death of James Lee Byars” : James Lee Byars concebe para si um mausoléu coberto

por folhas de ouro, onde igualmente instala uma escultura geométrica. Para si confecciona um costume em *bouclé* de ouro. Ao adentrar a sala da galeria há um processo de lenta invisibilidade da imagem do artista, na medida em que seu corpo se confunde com o brilho da superfície. Ele desaparece suavemente. Ele se deita lentamente no solo e permanece em silêncio por alguns minutos. Uma mulher com um longo vestido preto delimita a dimensão do seu corpo com pequenos cristais que sugerem o brilho dos diamantes. O desenho demarca a forma de uma estrela. O lugar do seu corpo no solo recebe cinco pedras marcando a memória de um corpo que ali se repousou. Cuidadosamente ele se levanta contornando circularmente o espaço, para em seguida, deixar a sala.

Figura 2- A Morte de James Lee Byars, James Lee Byars, 1982/1994.



In: <http://michaelwerner.com/artist/james-lee-byars/>, 2017

A performance da morte de James Lee Byars tem duração breve, como os seus demais trabalhos. A ressonância de sua ausência torna-se potente pela construção poética da cena. Restam aos espectadores pequenos vestígios das folhas de papéis dourados japoneses que se espalham com o vento. A delicadeza dos seus gestos nos faz levantar a seguinte pergunta: a arte será capaz de apresentar a ausência em sua mais pura essência?

As experiências propostas por Byars tinham como principal objetivo provocar uma tensão entre a intermitência da aparição e desaparecimento do artista pela apresentação da sua morte. Mas, o que ele na verdade propõe ao espectador? Seria uma ruptura com o cânone? Certa vez, ele havia afirmado que a sua morte cancelaria as suas obras. Se a morte do autor designa igualmente a finitude das suas obras, poderíamos sugerir que Byars recuse indiretamente à condição imortal atribuída a ambos, adotando, assim, uma atitude filosófica diante da morte. Lembremos que para a tradição do pensamento pré-socrático ou oriental a desaparecimento da existência seria um modo de se aprender a filosofar: “filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte” (MONTAIGNE; 1996, p.92)

A invisibilidade do corpo que aparece-desaparece pelo fascínio fulgurante da superfície parece nos lançar numa outra dimensão da imagem da morte, uma dimensão que supera o trágico pela delicadeza e pela poesia da sua imagem. Como um dândi baudelairiano que retoma o brilho do sol poente, Byars apresenta-nos a ideia de que o enfrentamento da morte seria o último traço de heroísmo do artista em tempo de decadência. Seu costume solar esculpe o corpo, a cor ouro transforma o drama da morte numa delicada imagem de um instante de luz. Assim, nos perguntamos se em suas vestes-esculturais repousam o mistério da iluminação constantemente evocada em seus trabalhos. Seriam as roupas as esculturas materializadas pelo tempo? A imagem de sua própria morte como uma cena fulgurante parece ser correlata à tentativa de retirar do real a realidade que ele próprio contém. A morte se transpõe para uma outra dimensão, para além do tempo e da concretude da existência.

Pelos *Fragmentos* de James Lee Byars pode-se compreender o movimento de transcendência proposto pelo artista: “Eu espero que pessoas experimentem meu modo de praticar a minha própria morte como algo útil para elas mesmas”.² A performance não deixa de ser uma experiência de travessia de mundos na qual um rito de passagem se efetua, aprofundando nossa relação com a morte e nos transmitindo uma serenidade para enfrentarmos os limites do nosso próprio corpo.

II. A Veste-Ritual e a Morte.

De acordo com James Lee Byars (1995, p.29), as formas de vestir dizem respeito a um modo de ser único. A união entre pensamento e modo de ser corresponde às doutrinas orientais em que a aparência física se elaborava pelos exercícios meditativos. Sua imagem traduz estes traços distintivos do pensamento e a visão singular da arte da existência. As técnicas orientais para a produção si foram responsáveis pela sutileza dos detalhes na concepção da sua aparição nas performances. Nesse sentido, a roupa é entendida como uma veste-ritual, ou seja, ela é responsável por figurar o imaginário cênico do rito de passagem.

A roupa é, ao mesmo tempo, extensão do gesto corporal e enunciado não-verbal, sendo responsável pela figuração gestual e visual da desapareição do artista. Por isso, ela traz consigo a potência do gesto de fabular para o artista o autorretrato de sua desapareição. Daí surge a ambiguidade da cena, pois o artista concebe a sua

² Citação apresentada no vídeo *The Death of James Lee Byars* (1995). In: *The Death of James Lee Byars*, Peter Bronses, 1995, Vídeo 22'35 minutos, Inglês e Alemão, Argos – Centrum Voor Kunst en Media, Bruxelas.

veste para (des)aparecer, e a roupa reforça o duplo sentido da performance porque é responsável por dar visibilidade à presença de uma ausência.

James Lee Byars porta um costume que enuncia um sistema de ações e significações, a partir do qual a expressão visual da performance amplia os processos perceptivos tanto para o artista quanto para o espectador. Na realidade, essa veste-ritual utilizada na performance seria, simultaneamente, um tipo de monumento e de expressão do gesto de (des)aparição do artista. A finitude é evocada pela roupa na medida em que o artista participa do devir que integra gradativamente os princípios determinados pelo trabalho conectando o seu corpo ao têxtil, o têxtil ao espaço e o instante ao eterno. A veste-ritual torna-se uma espécie de imagem-evento que anuncia o corpo ausente do artista e enuncia a estetização da morte.

A elegância de Byars se constituía pelos detalhes absolutamente singulares de sua imagem. Ele dizia encarnar o brilho cósmico da luz solar. O uso frequente da cor ouro era uma tentativa de reforçar o conceito da perfeição que se encontra num eixo vital da percepção da experiência temporal. A veste-ritual funcionava como um mecanismo de invisibilidade, como teorizou Charles Baudelaire ao professar o suicídio ritual do dândi: *perinde ad cadaver!*³ Como um astro que declina em seu costume dourado, James Lee Byars enfrenta o desafio de desdramatizar a própria morte: vestir-se de pôr-do-sol para enunciar a real (des)materialização do corpo. Corpo que simultaneamente se mimetiza com a cor dourada do espaço. Esta essência solar é retomada pelo artista para figurar a experiência da (i)mortalidade: “a vida, ao invés de opor-se à inteligibilidade da morte, deve à ela recorrer para revestir-se da mortalidade-imortal. (BYARS; 2005, p. 8).

A veste-ritual afirma a morte iminente do artista, pois estrutura sobretudo a indistinção entre corpo-têxtil ou entre o corpo-espaço. A veste é o limite físico que acentua o ritual de passagem da vida para a morte. Ao vestir-se de forma *camuflada* o artista desenvolve o ato poético que transforma a morte cotidiana em uma imagem artística. Talvez o teatro mais perfeito seja aquele que consiga transformar a tragédia em poética, pelo qual a morte anunciada do artista é transfigurada em imagem perene da arte. O costume dourado de Byars representa as roupas rituais que marcam o trânsito de um corpo mortal ao imortal. A veste-ritual esconde a decrepitude natural da morte, dando lugar à imagem alegorizada de um deus solar que cria um jogo de

³Na verdade, eu não estava totalmente errado ao considerar o dandismo como uma espécie de religião. A regra monástica mais irrogosa, a ordem irresistível do *velho da montanha*, que recomendava o suicídio a seus discípulos inebriados (...) a fórmula terrível: *Perinde ad Cadaver!* (...) O dandismo é um sol poente; como o astro que declina, é magnífico, sem calor e cheio de melancolia. (BAUDELAIRE, 1996, p.50-1)

similitude entre o corpo e o espaço – o corpo em duplicação que aponta para a perfeição do momento da criação da imagem da morte do artista.

A perfeição não seria nada mais que a vivência de um momento perfeito propiciados pelos gestos da vida, mesmo os mais triviais ou fúteis. A ilimitada sensação de prazer seria uma forma de coreografia suprema da experiência da perfeição, concepção que conduziu seus trabalhos e reflexões críticas sobre a experiência estética na arte.

A presença-ausência da morte só pode ser vista em dupla dimensão, ou seja, pela sua duplicação em imagem: Nem o sol nem a morte se pode se olhar de frente (DEBRAY; 1992, p.37). Isso quer dizer que a morte só pode ser visualizada pela lógica do duplo, como através da superfície lisa de um espelho. Algumas leituras críticas da arte compreendem a apresentação da morte como uma abordagem simbólica da estética da desapareição.

A confecção de uma veste-ritual nos permite inferir que uma escritura do corpo adentra num lugar simbólico da perda, para fazer da ausência o maior mistério do corpo. Diz Byars: “Eu me visto para a morte” (BYARS; 1999, p.12). A precariedade da impermanência cede seu espaço para que se irradie e se manifeste uma outra lembrança da morte. A arte substitui o lugar antes reservado à natureza. A morte para Byars não é brutal, feia ou trágica. Bela em seu instante de puro fulgor luminoso se configura pela expansão do corpo ao têxtil. O fascínio provocado pela apresentação da ausência ultrapassa os limites da representação, o fascínio que neutraliza a verdadeira face da morte, ofuscando-a pelo brilho dourado da superfície. Em Byars, a experiência da morte afirma-se como um acontecimento estranho às delimitações temporais. A morte é aberta à experiência de bela imagem e pela experiência do êxtase.

Para além de uma incomparável intuição do porvir, a performance de Byars anuncia o triunfo da imagem sobre a morte. A imagem da morte se afirma como uma presença estranha à passagem do tempo, pois coloca em xeque a ideia da destruição e do esquecimento. A partir de sua performance, podemos refletir sobre o sentido da duração e da memória. Talvez o tempo se curve diante das imagens e a figuração da morte doa uma sobrevivida à imagem do artista.

O exercício de performar a própria morte instaura na arte uma nova categoria da percepção sensorial. Walter Benjamin (1994; p.169-70) formulou um conceito para essa experiência, denominando-a de experiência aurática. Por meio dessa vivência, se

configura uma busca pela semelhança, talvez uma busca pela identidade da soberania do corpo do artista com a sua própria imagem: da semelhança à aparição do autorretrato.

A experiência da morte performada por James Lee Byars participa da tradição mística do fenômeno da aura, mediante o estudo da construção de vestes e imagens que favorecem um tipo particular de acontecimento perceptivo atmosférico. Tal acontecimento é orientado por uma exigência plástica, espacial e estética. A vestimenta de Byars é uma potência transformadora do desafio de morrer e nascer. Pretendemos sugerir, portanto, que o morrer e o nascer coincidem no ato de se vestir: um duplo movimento no qual o morrer participa da metamorfose própria ao devir-outro e no qual a arte renasce como enigma da imagem da própria vida.

Considerações Finais

A performance de James Lee Byars evidencia as ambivalências das formas que revelam os mistérios das coisas legíveis e visíveis, de tudo o que está próximo do mundo material e, ao mesmo tempo, distante, instaurado no plano do espírito. A ideia da morte como rito para a criação da imagem impõe-se como fulcro de suas pesquisas. Por isso, o corpo e a alma são os elementos centrais de seu *sacrum theatrum*. Assim, ele compõe um diálogo entre luz e forma de maneira a sugerir a indistinção entre a matéria e seu pensamento.

A superfície polida e espelhada do ouro reflete o duplo da morte, nos protegendo da verdadeira face da morte, que seria apresentada pela ruína ou putrefação. A performance de James Lee Byars aborda não somente o puro momento da experiência estética; acima de tudo, diz respeito a um modelo de experiência que resiste à morte. A perfeição aspirada pelo artista associa-se à sobrevivência das imagens, garantindo a sua sobrevivência pela exuberância do belo.

A imagem do sol é, por excelência, uma figuração de como a impressão do tempo se configura como uma forma de conhecimento perceptivo do movimento na obra de James Lee Byars. O sol aparece, desde a antiguidade clássica, como símbolo cósmico e cíclico da vida-morte-renascimento.

A performance “A Morte de James Lee Byars” compreende a luz solar como uma alegoria da *morte mais perfeita*, noção intimamente relacionada à vivência de um instante temporal que concilia as impressões sensoriais do efêmero e do eterno. O artista parece entender que o brilho do ouro, tal como o raio solar, reflete a perfeição. Nesse sentido, a ideia de perfeição é capturada na abstrata cor ouro. O ouro resume o

intangível e o absoluto, tornando-se uma espécie de cor acontecimento da transitoriedade do eterno. Essas fundamentações eram provenientes das filosofias orientais. Estas ideias vão ao encontro das proposições estéticas do artista, pois ele acreditava que a arte seria uma via para o absoluto. Afirmando continuamente que a essência da arte não era social, mas sim metafísica.

James Lee Byars era verdadeiramente um místico. Tentou transfigurar os gestos mais irreflexivos do cotidiano em ternura por meio de uma mensagem filosoficamente espiritual. Ele dizia que o ser humano era a mais perfeita e singular obra de arte, daí a necessidade de se aproximar dos temas concernentes à vida como o nascimento, o amor e a morte.



APOIO



REALIZAÇÃO



Referências:

ARIÈS, Philippe. **L'Homme Devant la Mort**. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres Complètes**. Paris: Robert Laffont, 2011.

BAUDELAIRE; Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BASHO, Matsuo. **Trilha Estreita ao Confim**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Arte & Magia; Técnica & Política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, Maurice. **L'Espace Littéraire**. Paris: Gallimard, 1955.

BYARS, James. **James Lee Byars**. Paris: Fondation Cartir pour l'art Contemporain, 1995.

BYARS, James. **Anthology**. Haute-Normandie: Éditons Vitrol, 1999.

DASTUR, Françoise. **A Morte. Ensaio sobre a Finitude**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

DEBRAY, Régis. **Vie et Mort de L'Image**. Paris: Gallimard, 1992.

James Lee Byars: Life, Love & Death. Strasbourg: Musée d'Art Moderne et Contemporain de Strasbourg, 2005.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio. Volume I**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

QUILICI, Cassiano Sydow. **O Ator Performer e as Poéticas da Transformação de Si**. São Paulo: Annablume, 2015.

ROSSET, Clément. **L'Invisible**. Paris: Éditions de Minuit, 2012.

SÊNECA. **Sobre a Brevidade da Vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.

VERNANT, Jean-Pierre. **L'Individu, La Mort, L'Amour: Soi-Même et L'Autre en Grèce Ancienne**. Paris: Gallimard, 1987.